

A abordagem da Comunicação sobre Câncer de Mama aliada às Mediações do Cotidiano em tempos de Cultura Terapêutica Uma análise dos testemunhos das pacientes do INCA¹

Luciana Carvalho de Moraes²

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

Este artigo tem por objetivo investigar a construção de narrativas sobre o câncer aliadas às questões do cotidiano e à cultura terapêutica em relatos de pacientes do Instituto Nacional do Câncer (INCA), a partir da análise de três vídeos institucionais, que fizeram parte da campanha para o Dia Mundial do Câncer em 2018, que abordou os aspectos do estigma da paciente com câncer de mama. Como base teórica, recorreremos às noções de cotidianidade (KOSIK, 1963; HELLER, 2014), mediações culturais (MARTÍN-BARBERO, 1997) e cultura terapêutica (FUREDI, 2004; SACRAMENTO, 2015), além de outros que tratam sobre operação tecnológica na produção e análise de vídeos.

PALAVRAS-CHAVE: cotidianidade; cultura terapêutica; câncer; vídeo institucional; INCA.

INTRODUÇÃO

Criado em 1937, o Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA) é o órgão auxiliar do Ministério da Saúde no desenvolvimento e coordenação das ações integradas para a prevenção e controle de câncer no Brasil, que tem como missão: “promover o controle do câncer com ações nacionais integradas em prevenção, assistência, ensino e pesquisa”³, orientando-se à luz da Política Nacional para a Prevenção e Controle do Câncer (PNPCC)⁴. O INCA presta serviços de assistência médico-hospitalar, direta e gratuitamente, aos pacientes com câncer, como parte dos serviços oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), e atua em áreas estratégicas, como prevenção e detecção precoce, formação de profissionais especializados, desenvolvimento da pesquisa e geração de informação epidemiológica.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, divulgação científica, saúde e meio ambiente, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC/UFF), e-mail: luciana-moraes@bol.com.br

³ Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/institucional>>. Acessado em 15 dez. 2019.

⁴ Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/publicacoes/legislacao/portaria-874-16-maio-2013>>. Acessado em 16 dez. 2019.

A investigação prévia do câncer⁵ é muito importante para a população. No entanto, somente há um ano houve alteração na CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), com a criação da Lei 13.767/18, que estimula os exames preventivos do câncer, permitindo que trabalhadores com carteira assinada falem por até três dias, a cada 12 meses, para realizar estes exames de rastreio precoce, tanto para mulheres como para homens. Outra lei relevante, sancionada no ano passado (2019), prevê que os exames para diagnóstico do câncer devam ser realizados no prazo máximo de 30 dias após a primeira suspeita ou pedido médico, para comprovar o diagnóstico da doença para o SUS. A suspeita da doença já é motivo gerador de angústia, medo e insegurança mas, antes destas leis, os pacientes estavam sujeitos a esperar durante meses por uma consulta e realização dos exames necessários, pelo sistema público de saúde. Ter que esperar, em alguns casos, poderia resultar no avanço da doença. A investigação de um modelo de gênero e a escolha por tal temática deve-se, portanto, à alta incidência do câncer de mama e de colo de útero entre as mulheres no mundo e no Brasil, correspondendo a cerca de 25% dos casos novos a cada ano⁶, assim como pela sua presença cada vez mais forte nas mídias sociais.

Para o INCA, a gestão estratégica das ações de comunicação pública no controle do câncer tem na comunicação e na informação pontos-chave para sua efetividade no cumprimento de leis e da sua missão institucional. O Serviço de Comunicação Social da instituição dialoga com o conceito de comunicação pública em suas ações informativas, o qual “existe para promover o bem comum e o interesse público” (BUCCI, 2015, p. 69) - “[...] tem como base a comunicação pública que prioriza o diálogo e não a propaganda, com informação de interesse público, formação de opinião, conscientização e prestação de contas” (Movimento TJCC)⁷.

A partir da compreensão de que o câncer também pode ser combatido com informação, este trabalho propõe-se a investigar uma parte muito particular da

⁵ A origem do ‘câncer’ vem da palavra grega Karkinos (caranguejo), pois o tumor característico da doença deforma a pele sobre os vasos sanguíneos, como um caranguejo. Egípcios e gregos fizeram os primeiros registros sobre tumores nos seios, tratando a doença com amputações e remédios que incluíam miolos de vaca e excremento de vespa. Acreditava-se também que o sangue menstrual era capaz de subir às mamas e transformar-se em leite, assim como causar tumores ao encaroçar-se nos seios. Disponível em <<https://www.inca.gov.br/exposicoes/mulher-e-o-cancer-de-mama-no-brasil>>. Acessado em 10 jan. 2020.

⁶ Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/tipos-de-cancer/cancer-de-mama>>. Acessado em 22 dez. 2019.

⁷ Todos Juntos Contra o Câncer (TJCC) é um movimento da sociedade brasileira que congrega representantes de diferentes setores voltados ao cuidado do paciente com câncer comprometido com a garantia do direito do paciente ao acesso universal e igualitário à saúde. <<https://todosjuntoscontraocancer.com.br/declaracao>>. Acessado em 17 dez. 2019.

comunicação pública desenvolvida pelo INCA que, nesse caso, especificamente, trata a prevenção do câncer de mama a partir do olhar de quem experimentou a doença. A opção se pauta pelos relatos de pacientes e ex-pacientes de câncer também são uma forma de comunicação e de participação do cidadão na produção de construções discursivas.

Diante disso, como são formadas as mediações sociais e culturais a partir dos relatos dessas pacientes? Como se dão os processos de construção simbólica e as práticas sociais envolvidas nas narrativas de mulheres sobre o câncer na abordagem do cotidiano para discutir a prevenção do câncer e suas implicações na contemporaneidade? Frente a tais interesses de investigação, foram tomados como recorte três relatos de pacientes do INCA sobre o câncer de mama, em formato de vídeo institucional, disponibilizados no site do hospital como parte da campanha em prol do Dia Mundial de Câncer de Mama 2018, cujo mote foi “Vontade de Viver”.

Na perspectiva teórica, serão discutidas as noções de cotidianidade (KOSIK, 1963; HELLER, 2014), mediações (MARTÍN-BARBERO, 1997) e a chamada cultura terapêutica (FUREDI, 2004; SACRAMENTO, 2015), além de outros autores que tratam sobre a operação tecnológica na produção, análise de vídeos institucionais e narrativas testemunhais. A metodologia é qualitativa para análise dos padrões discursivos para a materialidade audiovisual, com categorias definidas a priori.

MÍDIA, COTIDIANO E MEDIAÇÕES CULTURAIS

O fato de o homem ser um “ser social” e viver em determinado contexto cultural pressupõe que suas experiências e práticas sociais sejam construídas no cotidiano, em um espaço de convivência, interação e sobrevivência que modela um sentido de ver e sentir de uma realidade social e, conseqüentemente, de um estilo de vida. Os meios de comunicação social (as mídias) são, ao mesmo tempo, produtos e meios de produção dessa realidade, sob o domínio de uma lógica ligada à manutenção da ordem social capitalista. Neste sentido, mídia e cotidiano se entrelaçam como ambientes de mediação na construção de um contexto (uma realidade) social. Parte-se para pensar essa perspectiva teórica na relação nodal entre a mídia e o cotidiano, considerando que ambos “se representam mutuamente a si mesmos. Isto é, a mídia ressignifica o cotidiano através de representações simbólicas, discursivas e tecnológicas, e, em contrapartida, o cotidiano ressignifica a mídia através das práticas sociais e culturais dos indivíduos e grupos sociais” (CABRAL, 2018, p. 80).

Para a pesquisa crítica sobre a vida cotidiana, evoca-se, principalmente, as contribuições dos pesquisadores Agnes Heller (2014[1970]) e Karel Kosik (1963). Para o último, o cotidiano pode ser compreendido como uma instância da realidade cimentada por um complexo de fenômenos que assumem um caráter social aparente e natural, constituindo o que Kosik (1976, p. 15) chama de *pseudoconcreticidade*, para designar os aspectos superficiais dos fenômenos sociais, da realidade “visível”, com a qual o homem está em contato na prática cotidiana (cotidianidade). Nesse sentido, o fenômeno estaria aparente (claro) e sua essência escondida (escura) na prática cotidiana dos indivíduos, trata-se de “um claro-escuro de verdade e engano”. O fenômeno indica a essência e, ao mesmo tempo, a esconde” (KOSIK, 1976, p.15). Segundo o autor, para o conhecimento pleno ou concreto sobre as realidades ocultas seja possível (o fenômeno e a essência), é preciso decompor os fenômenos para analisar sua constituição.

O fenômeno não é radicalmente diferente da essência, e a essência não é uma realidade pertencente a uma ordem diversa da do fenômeno. Se assim fosse efetivamente, o fenômeno não se ligaria à essência através de uma relação íntima, não poderia manifestá-la e ao mesmo tempo escondê-la; a sua relação seria reciprocamente externa e indiferente. Captar o fenômeno de determinada coisa significa indagar e descrever como a coisa em si se manifesta naquele fenômeno, e como ao mesmo tempo nele se esconde. Compreender o fenômeno é *atingir* a essência. Sem o fenômeno, sem a sua manifestação e revelação, a essência seria inatingível (KOSIK, 1976, p. 16).

Para superar a *pseudoconcreticidade* (a vida cotidiana, da aparência), se faz necessário um movimento dialético que permita a compreensão da realidade concreta de forma que se complexifique a realidade social.

Conhecer como são formadas as relações sociais, em geral, e as relações interpessoais, em particular, na vida cotidiana, foram também objeto de estudo da húngara Agnes Heller. Para a autora, a relação de aprendizado começa nas relações sociais em grupo (família, escola, vizinhança), ou seja, são criadas no cotidiano e marcadas por uma cultura própria, com suas regras e condutas habituais. Essas relações fazem com que o indivíduo interaja e adquira costumes e normas morais. Segundo Heller (2014 [1970]), a sociedade se forma a partir da atuação de indivíduos que, envolvidos em suas relações sociais, constroem e transmitem estruturas sociais.

Ainda segundo a autora, “a vida cotidiana é a vida do indivíduo”. Nesse sentido, a vida cotidiana (particularidades dos indivíduos) está no centro da história: é a verdadeira “essência da substância social” (HELLER, 2014, p. 20). Para ela, o indivíduo é,

simultaneamente, *ser particular e ser genérico*. Assim, pode-se dizer que o indivíduo (paciente do INCA) tenha voz no processo comunicacional por carregar o *ser participar* e o *ser genérico* na sua experiência de vida (relato), e que esta tenha interesse e relevância social podendo, inclusive, ser apropriado pela comunicação pública diante da presença dos seguintes atributos - interesse público, bem comum e desenvolvimento humano.

O estudo do cotidiano pode permitir de uma forma concreta entender, questionar e driblar os padrões opressores - mídia, política e instituições - diante do conhecimento profundo e das habilidades do sujeito na transformação social, na participação de políticas públicas e na adoção de estratégias contra desigualdade social e dominação. Contudo, cabe discutir ainda, o papel desempenhado pelos meios de comunicação na relação entre cultura e a atuação dos meios através do conceito das mediações.

O pesquisador espanhol estudioso da comunicação na América Latina, Jesús Martín-Barbero, tinha como objetivo “a construção de um novo modelo de análise que coloca a cultura como mediação, social e teórica, da comunicação com o popular, que faz do espaço cultural o eixo desde o qual encontrar dimensões inéditas do conflito e vislumbrar novos objetivos a pesquisar (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.110). Nesta avaliação são considerados “os modos como a cultura popular ressignifica os conteúdos e usos das mídias, mas também para como essa mesma cultura era absorvida e “reproduzida” (processada) pela Indústria Cultural (cultura de massa) (CABRAL, 2018, p. 50).

Para Martín-Barbero (1997, p. 258), o deslocamento do eixo comunicacional para o coletivo atenta-se às práticas da comunicação na vida em comunidade no seu cotidiano, que implica perceber que o eixo do debate deve se deslocar dos meios às mediações, isto é, “para algo que escapa à análise centrada dos meios e só podia ser captado através da observação e até mesmo da experimentação da cotidianidade” (CABRAL, 2018, p. 50). Nesse sentido, a relação dialética entre mídia e cotidiano não poderá ser reduzida à mera lógica tecnicista e utilitarista de estímulo e resposta. Mas está na importância da mediação como espaço (pontes de valores) ou as “brechas” - como Martín-Barbero (1997) observa, entre o que foi emitido e o que foi construído com determina mensagem, no sentido de poder lhe atribuir um novo significado apropriando-se de discursos e práticas sociais. “Assumir que a compreensão do papel das mídias no desenvolvimento da sociedade passa pela observação e o reconhecimento dos processos pelos quais a mídia é incorporada ao

cotidiano das pessoas e se configura como sujeito de transformações sociais” (CABRAL, 2018, p.88).

A partir da investigação científica sobre o cotidiano proposta por Kosik (1963) e Agnes Heller (2014[1970]) e do conceito das mediações culturais por Martín-Barbero (2004), reforça-se a ideia de uma transformação mediante a práxis social que são colocadas em torno do processo comunicacional e, principalmente, neste trabalho investigar a apropriação de aspectos da cotidianidade pelos vídeos (mídia audiovisual) produzidos pela comunicação pública do INCA. Portanto, ainda segundo Cabral (2018, p. 89), “é preciso também observar como as pessoas e a vida cotidiana delas, a serem incorporadas pela mídia, se tornam objetos (signos) midiáticos – um filme, uma reportagem, um personagem, um cenário etc”.

A VIDA COTIDIANA SOB O PRISMA DAS EMOÇÕES

A partir da metade do século XX, noções subjetivas que visam à força do pensamento positivo nas práticas da vida cotidiana são incorporadas pela chamada “cultura terapêutica”, que deixa de se referir apenas a serviços e problemas de ordem de saúde mental. Castellano (2015) explica o conceito de cultura terapêutica, *ethos* terapêutico ou terapêutico proposto pelo sociólogo Frank Furedi (2004) como a “disseminação de um imaginário que coloca a emoção e a subjetividade – e não apenas a força mental - como elementos primordiais à compreensão de questões relativas a todos os aspectos da vida humana”. Ainda nesse sentido, Sacramento (2015, p. 112) define: “a cultura terapêutica é, portanto, o prenúncio de uma redefinição radical da personalidade em que o dano emocional e a vulnerabilidade psicológica tornaram-se parte do novo roteiro cultural”. Haveria, então, uma propensão humana que buscaria sentido das práticas cotidianas por meio de conceitos subjetivos ou emocionais mostrando certa vulnerabilidade do “eu”, risco e, assim, sua autolimitação. Furedi (2004, p. 34) contraria tal cultura por ser algo que era entendido como *habitué* da vida cotidiana, e não uma ameaça para uma ação terapêutica – o amor é arriscado, o sexo é perigoso e a infância tem de ser cuidadosamente gerenciada para que as pessoas não sejam “marcadas para a vida toda”.

No atual discurso terapêutico, as emoções são focadas na noção do “eu” individual e no desenvolvimento das potencialidades do sujeito perante o aval de um profissional (*coach* ou *expert*) diante da vulnerabilidade e incompletude do “eu”. Além disso, o

imperativo da superação e de ser feliz por si mesmo está impresso no indivíduo através das obras e grupos de autoajuda na atual cultura. Furedi (2004) analisa a autolimitação do “eu”, a insegurança do sujeito durante suas práticas cotidianas e cita o distanciamento do indivíduo pelas causas sociais, a partir do entendimento de que na terapêutica os problemas devem ser resolvidos através de ações exclusivamente individuais o que ocasiona a falta do papel transformador do indivíduo na sociedade.

Através da normatização do papel doentio e da procura de ajuda, a cultura terapêutica promove a virtude da dependência da autoridade profissional. Ao mesmo tempo, desencoraja a dependência de relações íntimas – um ato que enfraquece o sentimento de pertencimento do indivíduo. Pior ainda, a cultura terapêutica promove um clima em que as pessoas realmente se sentem doentes, inseguras e emocionalmente prejudicadas (FUREDI, 2004, p. 203, tradução livre).

De acordo com Furedi (2004, p. 1), a linguagem das emoções permeia a cultura popular, o mundo da política, o local de trabalho, as escolas, as universidades e a vida cotidiana, deixando de ser exclusiva de consultórios psicológicos, psiquiátricos (ou de outros campos da *psi*). Nesse sentido, a mídia, assim como as instituições, também se apropria do discurso terapêutico no desenvolvimento de produtos de consumo, como: livros de autoajuda, programas de TV, rádio, vídeos institucionais com testemunhais de pacientes sobreviventes de doenças crônicas que dão “lições de vida” ou aconselhamentos, tendo como via de regra a normatização da autonomia emocional e da autoestima. Como veremos mais à frente nos discursos testemunhais midiáticos de mulheres adoecidas por câncer de mama.

VÍDEO INSTITUCIONAL E A REPRESENTATIVIDADE SIMBÓLICA NAS NARRATIVAS SOBRE CÂNCER

Cada vez mais utilizados no site das instituições e nas redes sociais digitais, o vídeo institucional figura como principal ferramenta audiovisual de comunicação dirigida nas organizações diante do poder de facilitar a comunicação entre a organização e seus públicos de interesse (*stakeholders*), associado aos interesses de uma construção da imagem institucional e necessidades da sociedade. Assim, os vídeos institucionais favorecem, por exemplo, o uso das informações governamentais na área da saúde de maneira atraente, credível e, principalmente, rápida, graças também ao avanço das tecnologias. Para a autora Margarida Kunsch (2003, p. 169) – “a apropriação dos modelos

de produção editorial tradicional pelos da moderna multimídia permite criar uma comunicação ágil e interessante aos olhos dos públicos”.

No entanto, antes de realizar a reflexão sobre os relatos presentes nos vídeos institucionais do INCA, como produto do jornalismo audiovisual, vamos definir os eixos de investigação, tendo em vista o problema da pesquisa, a montagem da ficha de avaliação/leitura. Segundo Coutinho (2016, p. 11) - “por se caracterizar como um método quali-quantitativo a análise da materialidade audiovisual pode incluir itens de avaliação previamente identificados pelo autor, com categorias definidas à priori, como aquelas relacionadas à temática e à caracterização das fontes de informação”.

Diante da escuta, compreensão e interpretação das narrativas discursivas sobre o câncer no cotidiano, a partir dos relatos das mulheres selecionados (e editados) pelo Instituto do Câncer, duas temáticas foram extremamente relevantes para a pesquisa na campanha “Vontade de viver”, ou seja, na luta contra a doença: 1) relações sociais: o apoio da família e de amigos para manter a perseverança e a força na luta contra a doença; 2) a transformação pessoal/social que ocorre após a cura do câncer e, com isso, as novas “qualidades pessoais” adquiridas pelos indivíduos na sua vida social. Abaixo, foram preenchidas as fichas de avaliação (1), (2) e (3), desenvolvidas e classificadas a partir dos relatos de cada paciente separadas por dois eixos temáticos (1) e (2).

Ficha de avaliação 1

Vídeo institucional Inca – Campanha Dia Mundial do Câncer Tipo: relato/depoimento de usuário do SUS		Ano: 2018
Indicador	Narrativas do câncer de mama	
Paciente do Hospital do Câncer III	Creusa Oliveira	
Tempo de duração	02min54s (dois minutos e cinquenta e quatro segundos)	
Temática 1	Relações Sociais no Cotidiano	
Relato	Eu tive que dizer para elas (filhas): não quero que vocês chorem, não! Porque se vocês chorarem, vocês vão me enfraquecer. E eu estou tentando ser forte. Eu quero passar por isso forte, com coragem e determinação. E vocês chorando (eu disse para a minha filha mais velha) nesse momento, vocês me enfraquecem (...) No momento do diagnóstico, minha filha estava esperando um bebê e nasceu no período da minha quimioterapia. Aí eu pensava comigo: sabe, ela (neta) era o motivo e a razão principal para que eu me convencesse de que eu não deveria desistir e que eu deveria lutar mesmo!	
Temática 2	Transformação Pessoal/Social no Cotidiano	
Relato	É como se eu tivesse acordado para a vida que eu achava que tinha ficado para trás. E disse pra mim mesma que eu teria que levantar, que teria que reagir.	

Ficha de avaliação 2

Vídeo institucional Inca – Campanha Dia Mundial do Câncer Tipo: relato/depoimento de usuário do SUS		Ano: 2018
Indicador	Narrativas do câncer de mama	
Ex-paciente	Fabiani Monteiro	
Tempo de duração	02min32s (dois minutos e trinta e dois segundos)	
Temática 1	Relações Sociais no Cotidiano	
Relato	Quando você se sente abandonada, parece que você perde o estímulo de lutar pela sua vida. E o fato dos meus filhos, dos meus amigos e da minha família estarem do meu lado, me apoiando, fez toda a diferença! Então, se você tem alguém, um amigo, um parente, alguém da sua família, alguém próximo que tá passando por isso, não se afaste. Ela só precisa saber que você está ali ao lado. Ela só precisa saber que vai poder contar com você.	
Temática 2	Transformação Pessoal/Social no Cotidiano	
Relato	A gente depois do câncer muda um pouco de visão. Então, assim, hoje, eu me sinto uma mulher muito mais forte. Uma mulher muito mais dada a buscar da vida coisas maiores, porque eu sei que venci, eu sei o que eu passei e sei que tenho a capacitação para vencer, lutar e para ajudar aquelas pessoas que estão chegando também. O câncer não é um ponto final e eu estou aqui para te provar isso! O câncer na minha vida foi uma vírgula, onde eu tive que parar, observar algumas coisas, mudar, porque o câncer também é ligado intimamente ao teu emocional. Então, eu tive que fazer algumas mudanças na minha vida. Daí, eu tenho uma vida com qualidade melhor hoje devido essas mudanças. E eu continuei, melhor do que eu já era, uma pessoa mais apurada, uma pessoa mais generosa, mais humana, ciente das necessidades que um ser humano tem nesse período e feliz.	

Ficha de avaliação 3

Vídeo institucional Inca – Campanha Dia Mundial do Câncer Tipo: relato/depoimento de usuário do SUS		Ano: 2018
Indicador	Narrativas do câncer de mama	
Ex-paciente	Tânia Lima	
Tempo de duração	02min33s (dois minutos e trinta e três segundos)	
Temática 1	Relações Sociais no Cotidiano	
Relato	Eu acho que não tive todo o apoio que eu gostaria ter. Mas hoje, eu percebo que de repente eles (a família, os amigos) também não sabiam lidar com aquela situação. É muito difícil para todo mundo, tanto para o doente quanto para a família.	
Temática 2	Transformação Pessoal/Social no Cotidiano	
Relato	Tem vida após o câncer, sim! E o câncer, pelo menos no meu caso, me fez ser uma pessoa muito melhor. Você quer aproveitar a vida. Aquela felicidade de você ter conseguido mais uma chance de Deus, faz com que você viva intensamente. Você é uma pessoa melhor, mais carinhosa, trata as pessoas com mais amor, mais carinho. Você deixa de ser prepotente, tudo acaba! E isso faz toda a diferença. Isso te dá uma força impressionante.	

CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS SOBRE O CÂNCER: A EXPERIÊNCIA DO CÂNCER, AS MEDIAÇÕES DO COTIDIANO E A CULTURA MOVIDA PELAS EMOÇÕES

Neste momento, discute-se como se dão os processos de mediações do cotidiano, a partir de dois eixos temáticos previamente destacados pela sua relevância e discussão teórica: 1) Relações sociais no cotidiano; 2) Transformação social no cotidiano, ambos em torno da superação da doença em narrativas de mulheres que experienciaram o câncer de mama. Nos relatos das pacientes do INCA, o câncer é remetido ao passado dessas mulheres. Seus discursos são o da superação. A doença foi fundamental para que essas mulheres tornassem o que são hoje, mais “fortes”, “melhores”, “mais humanas”, mas, de fato, não são mais fontes de sofrimento presente. Nesse sentido, Sacramento explica que há, portanto:

[...] entre o testemunhal e o confessional nos relatos da experiência com infortúnios, que toma a experiência vivida por um “eu” como o lócus central para testificar a existência do dito e como receiptário para a positivação da vida, assegurando a possibilidade de poder ter sempre mais prazer e de poder ser mais feliz (SACRAMENTO, 2015, p. 114).

São mulheres protagonistas de seus discursos construídos na cotidianidade. Denota-se que a exteriorização de sofrimentos, tanto de pessoas comuns como de celebridades, após “superá-los”, por meio de testemunhos em vídeos e entrevistas, seja algo estruturado ou construído: com início (impacto negativo), meio (apoio familiar) e fim (superação individual) para alcançar a visibilidade midiática e os objetivos do âmbito do capital no contexto contemporâneo. Por esses meios discursivos e por meio dessas tecnologias, o sujeito-paciente se transforma a si próprio em um assunto, ou melhor, um objeto posicionado como pelo discurso terapêutico (SACRAMENTO, 2015).

Por outro lado, superar a doença não significa necessariamente esquecê-la. Na fala de Creusa Oliveira ao lembrar da frase do médico - “a senhora está com uma doença muito ruim”, ao receber o primeiro diagnóstico do câncer, trouxe um choro contido, “engavetado” e verdadeiro. Nas palavras de Sarlo (2007, p. 9-10), “o retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente. E continua: “poderíamos dizer que o passado *se faz presente*” [grifo nosso].

Segundo Sacramento (2017), “na narração do trauma, a relação de quem testemunha com a linguagem é de falta, de ausência, de impossibilidade completa de expressão da experiência; é nisso que se concentra o estatuto de verdade [...]”. Ao compararmos a narrativa do trauma com o uso do discurso testemunhal nos relatos das

pacientes quanto às dificuldades ao encarar o câncer, observamos também a falta de trato com a situação e, ainda assim, toda credibilidade, verdade e força que estas falas empregam: “eu estou tentando ser forte” (Creusa), “ela só precisa saber que vai poder contar com você” (Fabiani) e “é muito difícil para todo mundo” (Tânia).

Nos relatos de pacientes, destaca-se também a necessidade fundamental do gênero humano em buscar sua sobrevivência, “a vida cotidiana é a vida de todo homem” (HELLER, 2014, p.16). Ao relatar suas experiências quando enfrentam o câncer, tais mulheres apresentam uma série de mudanças de pontos de vista que são alterados hierarquicamente quando a saúde e o bem-estar são retomados (a segunda chance de vida após o câncer) em suas vidas no cotidiano. Heller (2014) explica que o cotidiano é heterogêneo e hierárquico, usando o pressuposto histórico de que diferentes instâncias ocupam diferentes importâncias. É esta heterogeneidade que torna a cotidianidade normalizada e que mantém as demais esferas da vida cotidiana em equilíbrio: “é o adulto capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade” (HELLER, 2014, p. 33).

Nesse sentido, pode-se inferir tal entendimento ao observar nos testemunhos um certo “amadurecimento” uma “habilidade imprescindível para a vida cotidiana da sociedade”, segundo Heller - e uma necessidade de ver a vida de forma mais dialógica e hierárquica: mais afável, mais bondosa, menos intolerante e impaciente e, assim, sendo mediada, inclusive, nas relações sociais. Assim, a saúde (a vida sem enfermidade) na sociedade contemporânea apresenta-se como algo basilar, ocupando lugar hierarquicamente superior na vida do indivíduo adulto. Essa possibilidade de elevação (não alienada) acima da vida cotidiana é aberta aos homens. A hierarquia supostamente espontânea do contexto social não impede que o indivíduo construa para si uma hierarquia particular, consciente, personalizada, ou seja, uma segunda chance de vida. O homem torna-se consciente de si, sendo necessário abolir as condições de alienação. Neste momento, o indivíduo supera as estruturas, as amarras, e desafia a desumanização imposta pela alienação, elevando-se acima da cotidianidade genérica ou do mundo da pseudoconcreticidade.

As práticas sociais são evidenciadas nos relatos ao enfatizar a importância da família durante o acolhimento do paciente e no decorrer do tratamento da doença. Heller já tratava desse aspecto do cotidiano ao explicar que a relação de aprendizado começa nas relações sociais em grupo (família, escola, vizinhança), ou seja, são criadas no cotidiano e marcadas por uma cultura própria, com suas regras e condutas habituais. Essas relações

fazem com que o indivíduo interaja e adquira costumes e normas morais. A importância em se ter uma família ou alguém próximo para que se possa contar durante o convívio com a enfermidade é frequente nos depoimentos analisados: “ela (neta) era o motivo e a razão principal para que eu me convencesse de que eu não deveria desistir” (Creusa), “o fato dos meus filhos, dos meus amigos e da minha família estarem do meu lado, me apoiando, fez toda a diferença!” (Fabiani) e “acho que não tive todo o apoio que eu gostaria ter” (Tânia). Mas, de outro ponto de vista, Illouz (2007) defende que mesmo o apego emocional e mais íntimo se dá por um interesse profundo por se manter autônomo novamente, ou seja, sem a mazela ou a limitação imposta. Na atual cultura terapêutica, o amor e a intimidade aparentemente também foram racionalizados. “A intimidade se torna importante apenas quando se torna um meio para atingir fins individuais. Diminuíram-se os lugares onde “nós” são mais importantes do que “eu” (ILLOUZ, 2007).

O câncer não se apresenta nos relatos como uma enfermidade irreversível na vida cotidiana. Segundo o testemunho da ex-paciente e coordenadora de um grupo de 470 pacientes de câncer de mama, Fabiani Monteiro, a doença não foi um ponto final na vida dela, mas apenas uma vírgula. Para a grande maioria da população mundial o câncer poderia ser encarado como a morte (um ponto final). Observa-se a crença naturalizada no fenômeno (a coisa em si, como se vê) de que o câncer levará sua vítima fatalmente a óbito. Pode-se apreender que na ordem do aspecto fenomênico da realidade explicado por Kosik (1963), o homem que prioriza a ação prática em sua vida cotidiana em detrimento das reflexões sobre a realidade abstrata, ou seja, o indivíduo que não reflete sobre as estruturas que envolvem a práxis utilitária e acaba tomando os fenômenos como dados, tende a reproduzi-los (senso comum) no cotidiano, ao mundo dos fenômenos externos (da pseudoconcreticidade). Para o autor, esse mundo é então ambíguo, ao evidenciar o aspecto superficial do fenômeno e esconder sua essência. Esta última é inerente e indissociável do fenômeno, porém não se mostra totalmente na observação (KOSIK, 1963, p. 15).

Na atualidade, a linguagem torna-se parte do imaginário cultural contemporâneo quando pontuamos nos depoimentos acima o emprego de vários clichês próprios da cultura terapêutica, com relatos de superação, autoestima e de sensações consideradas boas - “o câncer não é um ponto final e eu estou aqui para te provar isso!” (Fabiani), “é como se eu tivesse acordado para a vida que eu achava que tinha ficado para trás!” (Creusa) e “tem vida após o câncer, sim!” (Tânia). Tais falas estão associadas aos

discursos da mídia, ou melhor, estão alinhados com os valores das celebridades que também sobreviveram à doença e passam por mazelas como qualquer pessoa. De acordo com Sacramento (2015, p. 110-111), os discursos acerca dos infortúnios nas vidas das celebridades também fazem parte da circulação cultural da fama. Cada vez mais, as falhas, os fracassos, as doenças, os traumas [...] e as mortes estão envolvidos nas construções culturais, sobretudo midiáticas, das celebridades”.

Retomando Heller (2014[1970]), a fé e a esperança desempenham papel importante na cotidianidade, por mediar a ação imediata. Assim, como foram necessárias para que a paciente do INCA, Creusa Oliveira, não desistisse de lutar pela vida. O nascimento da neta (sentimento de esperança e crença na renovação da vida) foi a razão principal para que a enferma se mantivesse de pé, com vontade de viver, para combater com todas as forças a doença. Portanto, a fé e a credulidade preenchem os espaços entre aspectos da vida do indivíduo que não se limitam ao seu campo objetivo. Trata-se de afetos, sendo a confiança, de acordo com a autora, o afeto do indivíduo inteiro, “com mais acesso à moral e à teoria do que a fé” (HELLER, 2014, p.52).

No entendimento de Sacramento (2015), ao analisar o relato de uma celebridade diagnosticada com câncer:

Existe a percepção de que a salvação reside em si mesmo, na autoestima e nos pensamentos positivos. Ela se coloca como o exemplo de um “eu” que triunfa sobre as adversidades, porque é, senão a única, a principal responsável por suas escolhas, que nesse caso, incluem, até mesmo, curar-se de um câncer (SACRAMENTO, 2015, p. 118).

Ainda segundo o autor, “tal experiência com a doença lhe garantiu um acúmulo de capital emocional pela habilidade na gestão eficaz das emoções”. Essa última análise vai ao encontro da fala da paciente Fabiani que se intitula uma “sobrevivente” da doença: “porque eu sei que venci, eu sei o que eu passei e sei que tenho a capacitação para vencer [...]. O câncer não é um ponto final e eu estou aqui para te provar isso!”.

Durante esse processo de abstração e “renascimento”, de descobrimento interno, a cientificidade não é questionada, nem mesmo aparece nos depoimentos dessas pacientes que, a partir de uma lógica definida pela instituição pública de saúde (INCA). Neste sentido, Sacramento (2015, p. 117) explica que a cura passa a se centrar nos aspectos subjetivos, sobretudo emocionais, pela gestão de si do sujeito. “Curar-se ou se manter doente passa a ser uma questão de autocontrole e de autorrealização. Isso afasta da doença o agente patogênico”. Algo facilmente observável na fala de Fabiani [porque o câncer

também é ligado intimamente ao teu emocional. Então, eu tive que fazer algumas mudanças na minha vida]. O que de objetivo foi observado foram as frases de apelo que aparecem antes da apresentação dos créditos finais do vídeo do INCA: “informação correta também é prevenção. Fique atento. O paciente com câncer também tem tratamento”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de sentidos nas mediações culturais, por meio das narrativas testemunhais de mulheres (pacientes do INCA) sobre a experiência com o câncer, evidencia uma forte ênfase na transformação pessoal e social do indivíduo a partir do cotidiano, apesar da influência do poder médico e do saber científico, da estrutura da instituição de saúde, da ordem fenomênica do cotidiano. O que é ressaltado por essas mulheres é uma experimentação profunda na vida pessoal e coletiva no cotidiano, o sentimento de crença na cura, a necessidade de um movimento de introspecção, para o ressurgimento que se manifesta na mudança de atitude (no âmbito da essência). Assim, percebe-se a construção de uma realidade com valores sólidos e morais, uma vida melhor, não só para elas (ex-pacientes de câncer), mas para todos indivíduos acometidos por essa enfermidade. O exemplo e a participação social estão nos seus próprios testemunhos (relatos).

A mudança do olhar do fenômeno para a essência apresenta na perspectiva de se conseguir uma nova chance, uma nova vida, após o diagnóstico e durante todo o tratamento da doença. Sem dúvida, parece que nada seria possível sem a participação da família, dos amigos, sobretudo no que tange à noção de pertencimento a determinado grupo, onde expectativas e relações são desenvolvidas a partir do convívio da vida privada e da vida social, na sua perspectiva emocional e coletiva na sociedade.

Enfim, utiliza-se, ao final, os clichês próprios da linguagem terapêutica que prima, no imaginário cultural contemporâneo, pela ordem da superação de pacientes de câncer de mama que obtiveram o que parece ser o bem mais precioso para quem “luta” contra uma doença crônica: uma “segunda chance” de vida, sobretudo porque tiveram autoestima, controle emocional, “energia interior” que lhes levaram a cura.

REFERÊNCIAS

BUCCI, Eugênio. **O Estado de Narciso: A Comunicação Pública a serviço da vaidade particular.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CABRAL, F. M. S. **A pesquisa em Mídia e Cotidiano no contexto da tradição crítica latino-americana de Comunicação.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense. Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano. Niterói – RJ, 2018.

CASTELLANO, M. “**O sucesso é ser você mesmo**”: cultura terapêutica, autoestima e emoções na literatura de autoajuda. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, 2015.

COUTINHO, Iluska. **O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade:** a análise da materialidade audiovisual como método possível. In *Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Intercom: São Paulo, 2016. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>>. Acessado em 17 jan. 2019.

FUREDI, Frank. **Therapy culture:** cultivating vulnerability in an uncertain age. London: Routledge, 2004.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História.** 4ª ed. Local Paz e Terra, 2014 [1970].

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

INCA. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em:

_____ **Comunicação como estratégica para a política de controle de câncer:** a experiência do INCA / Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Rio de Janeiro: INCA, 2018.

_____ Vídeo (2min54s). Dia Mundial do Câncer 2018: **Vontade de Viver por Creusa Oliveira**, 2018. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/videos/dia-mundial-do-cancer-2018-vontade-de-viver-creusa-oliveira>>. Acessado em: 23 nov. 2019.

_____ Vídeo (2min32s). Dia Mundial do Câncer 2018: **Vontade de Viver por Fabiani Monteiro**, 2018. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/videos/dia-mundial-do-cancer-2018-vontade-de-viver-fabiani-monteiro>>. Acessado em: 23 nov. 2019.

_____ Vídeo (02min33s). Dia Mundial do Câncer 2018: **Vontade de Viver por Tânia Lima**, 2018. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/videos/dia-mundial-do-cancer-2018-vontade-de-viver-tania-lima>>. Acessado em: 23 nov. 2019.

KOSIK, K. **A dialética do concreto.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 1976.

KUNSCH, Magarida Maria Krohling. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada.** São Paulo: Summus, 2003.

MARTÍN-BARBERO, J. (1987). **Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

SACRAMENTO, Igor. “**A autoestima é muito importante**”: a retórica da salvação pessoal nos relatos de celebridades sobre o bullying. *Juiz de Fora, PPGCOM – UFJF*, v. 11, n. 3, p. 55-74, set./dez. 2017.

_____ **Tornando a dor visível:** o ethos terapêutico em narrativas testemunhais de celebridades sobre o câncer. *Ciberlegenda (UFF. Online)*, v. 32, p. 109-122, 2015.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva.** São Paulo: Editora Companhia das Letras, UFMG, 2007.

TJCC. Brasil, 2019. Disponível em <<https://todosjuntoscontraocancer.com.br/declaracao>>. Acessado em 21 nov. 2019.